

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 65-73, janeiro-junho 2017

 <http://dx.doi.org/10.15448/1980-6736.2017.1.25418>

OUTROS DIÁLOGOS

O essencial e o supérfluo na perspectiva de Lucas 7,38-50

The Essential and the Superfluous in the Perspective of Luke 7,38-50

José Neivaldo de Souza*

RESUMO

Como abordar temas tão importantes como: o essencial, o supérfluo e o consumo e situá-los entre os dois campos: mercado e fé? Eis uma pergunta provocadora que norteará este artigo. No seguimento de Jesus, a Igreja se depara com situações complexas e se vê confusa ao ter que discernir entre o essencial e o supérfluo. Uma análise do texto de Lucas (7,38-50) ajudará a encontrar caminhos mais conscientes para, não só lidar com a realidade do mercado, da geração do luxo e do lixo, mas, sob a luz do Espírito Santo, responder sobre o que de fato é essencial à vida.

PALAVRAS-CHAVE: Essencial. Supérfluo. Lucas. Fé. Compaixão.

ABSTRACT

How to address important issues such as: the essential and superfluous consumption and place them between the two dimensions: market and faith? Here is a provocative question that will guide the text. Following Jesus, the Church is faced with complex situations and see confused when having to distinguish between the essential and the superfluous. A Luke text analysis (7:38-50) can help in the search for more conscious ways to not only deal with the reality of market, generation of wealth and waste, but, under the light of the Holy Spirit, answer about the essentials of life.

KEYWORDS: Essential. Superfluous. Luke, Faith. Compassion.

* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma; mestre em Filosofia pela Universidade Angelicum de Roma; mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor e pesquisador no programa de mestrado em Teologia das Faculdades Batista do Paraná. E-mail: <neivaldo.js@gmail.com>.



INTRODUÇÃO

Como abordar um tema tão importante como o consumo e situá-lo entre os dois campos: mercado e fé? Eis uma pergunta provocadora que norteará todo o texto. No seguimento de Jesus, os membros das igrejas se deparam com situações complexas e se veem confusos ao ter que discernir entre o essencial e o supérfluo. Uma análise do texto de Lucas (7,38-50) ajuda os fiéis a encontrarem caminhos mais conscientes para, não só lidar com a realidade do consumo, da geração do luxo e do lixo, mas, sob à luz do Espírito Santo, responder sobre o essencial da vida.

Observando as estatísticas de 2015 percebemos que desde 2003, conforme a ABRELPE (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais), a geração de lixo vem crescendo assustadoramente no Brasil e somente menos de 50% são destinados a lixões controlados, a maioria dos aterros ainda é nociva à saúde do cidadão e ao meio ambiente. Vivemos como observa Bauman, numa realidade líquido-moderna em que se valoriza a “rapidez” do descarte das coisas e a não lealdade a elas. Escreve ele: “Entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las”.¹ Como a Igreja cristã vai lidar com esta realidade e discernir o essencial do desnecessário?

Este tipo de realidade não escapa ao contexto sócio-religioso da época de Jesus, uma cultura, bastante criticada, pela política de importação e exportação, própria do Império Romano. Era absurda a desigualdade social: uma minoria de comerciantes e proprietários de terra concentrava a maior renda em detrimento de uma maioria marginalizada por situações diversas: pobreza, doença, preconceito e injustiças sociais. Jesus trata da mudança individual, mas principalmente da transformação na estrutura social e religiosa. A narrativa de Lucas acerca de “Jesus, a pecadora e a unção com perfume”, retrata esta situação.

Este texto serve de lanterna a iluminar a nossa realidade tão obscura. Muitas vezes a Igreja cristã se choca com a mudança de valores e, invés de ser crítica da cultura, ela se adequa à estrutura. O texto nos provoca a buscar saídas mais conscientes e cuidadosas para uma vida de sentido. Nesta preocupação, o artigo se propõe a seguir três passos: primeiro, identificar o consumo a partir de sua necessidade; segundo, pensar o tema à luz do evangelho, particularmente sob a mensagem de Lucas; por fim, procurar pistas que nos ajudem, não só a questionar, mas transformar nossas atitudes em relação ao que de fato é essencial à vida.

1 O ESSENCIAL E O SUPÉRFLUO

O supérfluo é o excedente e trata da satisfação de “necessidades” criadas ou produzidas que, sem elas, a vida continua tal como é ou até melhor. O “necessário” diz respeito às demandas básicas e imprescindíveis à saúde humana, em todos os sentidos: física, psíquica e espiritual.

Nesta sociedade, líquido-moderna, como diria Zygmunt Bauman, o necessário, o essencial, o que permanece, é substituído pelo supérfluo, fugaz, efêmero e descartável. Para ele a atualidade pode ser definida como um momento da “liquefação do projeto moderno”. A cidadania, com base em valores universais, foi suplantada por uma economia onde o lucro é tomado como artigo de primeira necessidade e se desenvolve em forma de fetiche, no mercado, nas indústrias, na mídia e na propaganda. Neste tipo

¹ BAUMAN, Z. *Vida Líquida*, p. 8.

de cultura, onde se inverte os valores e os padrões de referência, o imprescindível é substituído pelo prescindível ou o desnecessário.

Além do lucro, a busca por mercadorias e bens de consumo tornam-se uma realidade e isso constitui para o cidadão uma forma de se inserir neste mundo economicamente seletivo.² Lipovetsky ao analisar a ânsia da sociedade “hipermoderna”, acerca do lucro e do luxo, observa que o indivíduo assume uma forma “narcisista” de levar a vida. Para ele, há uma supervalorização do “eu” em detrimento do coletivo; a intensa busca de si mesmo em detrimento das relações altruístas. Tudo deve ser adaptado a este mercado onde tudo é descartável; onde a velocidade com que descarta o lixo é a mesma que cria novas necessidades.³ Bauman, nesta direção observa que “as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades”.⁴

O consumo, tomado numa perspectiva ético-cristão, se coloca sob a responsabilidade do cidadão que deve considerar tudo aquilo que dignifica a vida e reagir ao que contribui para a degradação humana. Mas, neste mercado de indivíduos, narcisista, do lucro, luxo e lixo, a fé é tomada como uma mercadoria a ser negociada. A fé em Deus, muitas vezes trocada pela fé nas próprias convicções, onde o “eu” torna-se o centro da prosperidade, não deve ser entendida como um objeto de troca ou de compra e venda.⁵

Como entender o consumo como necessário ou supérfluo? Poderíamos buscar respostas nas relações com o meio ambiente e tratar como supérflua a exploração dos bens desnecessários à saúde ecológica, mas o que nos interessa é a dimensão espiritual, por isso abordaremos, do ponto de vista teológico, o que é consumo necessário e o que é supérfluo. Considerando o consumo, sob o ponto de vista ético-cristão, percebemos que a lógica do mundo não é compatível com a lógica do Reino de Deus. Como discernir o que é essencial ou não em relação ao consumo no campo da fé? A narrativa de Lucas (Lc 7,38-50) sobre “a pecadora perdoada” se põe a esta indagação.

2 O DESPERDÍCIO DA ESSÊNCIA

Lucas é um evangelista delicado e rigoroso em seus relatos. Apesar de complexo, imita o estilo dos Setenta (tradução grega do AT), muitas vezes utilizando-se de paralelismos antitéticos a fim de difundir, com beleza literária, a misericórdia e o perdão de Jesus. Em sua visão, Jesus, à imagem de Deus Pai, se compadece dos que se arrependem e sofrem por seus pecados. Lucas, apesar de buscar em Marcos, muitas informações, traz em seus escritos uma “coleção de logia” e outros acréscimos pessoais que fazem de seus escritos uma grande obra.

O texto do evangelista nos faz imaginar a cena. Jesus está à mesa na casa do fariseu, Simão, que o havia convidado. Inusitadamente, aparece atrás dele uma mulher que, com um frasco de alabastro, cheio de perfume, se joga aos pés do mestre unguindo-os com a essência, banhando-os com suas lágrimas, enxugando-os com seus cabelos e cobrindo-os de beijos. Observando esta cena, o fariseu se põe a duvidar da capacidade profética do mestre por não saber que aquela mulher era pecadora. Atento à reação do fariseu, Jesus conta uma parábola onde ressalta a misericórdia e o perdão. Voltando-se para a mulher, mas olhando para Simão, ele compara a hospitalidade de seu anfitrião à atitude da mulher. No final Jesus conclui que a intensidade do amor é o que importa

² BAUMAN, Z. *Arte da Vida*, p. 21.

³ LIPOVETSKY, G. *A Felicidade Paradoxal*, p. 92.

⁴ BAUMAN, Z. *Vida Líquida*, p. 7.

⁵ QUEIRÓZ, E. *Transparência no Ministério*, p. 10-50.

para o perdão: quem muito ama, mais perdoa. Os convivas, atentos ao ensinamento do mestre, ficam curiosos sobre o poder de Jesus de perdoar pecados. O texto de Lucas posto em paralelismo antitético, demonstra a beleza de seu estilo:

- a** A acolhida de Simão, o fariseu (v. 36)
- b** a fé da pecadora: atitude de serva (vv. 37-38)
- c** Simão pratica a condenação (vv. 39-40)
- d** a parábola: a dívida e o perdão (vv. 41-42a)
- c'** Simão conhece o perdão (vv.42b – 43)
- b'** a fé do fariseu: atitude de senhor (vv. 44-46)
- a'** A acolhida de Jesus, o salvador (vv. 47-50)

O texto lucano se estrutura em forma de uma *Menorah* judaica, de sete lâmpadas, cuja coluna central sustenta os seis braços laterais. O hagiógrafo coloca no centro do ensinamento de Jesus a parábola do credor e seus devedores. Esta estória constitui a essência da pregação do mestre e deixa transparecer uma pedagogia libertadora. Vejamos a conexão dos seis braços e sua ligação com a base central do texto:

- aa'** Jesus está na casa de Simão que o “convidou” para uma refeição. Esta cena se conecta ao sétimo braço onde Jesus acolhe uma mulher que, repentinamente, “não convidada”, entra e vai até ele e unge os seus pés com perfume.
- bb'** Jesus observa a fé da pecadora que, ao se jogar aos seus pés, como uma “serva e pecadora”, demonstra o quanto necessita de perdão. O mestre compara este ato à hospitalidade do fariseu que se comporta como “senhor e juiz”.
- cc'** Simão mostra-se “ignorante” ao exigir que Jesus condene a pecadora. Ele confunde erroneamente os conceitos: profeta e adivinho. Porém, no confronto com o mestre, demonstra “conhecedor” do que seja o perdão. Simão representa todas as pessoas que aderem a um discurso libertador, mas agem como repressoras.
- D** Jesus conta a parábola dos credores e devedores a fim de levar Simão, os convivas e os discípulos a refletirem sobre o perdão. A fé sem perdão é morta. A lógica de Jesus sobrepõe-se à lógica farisaica. Ensina que o amor é, ao mesmo tempo, fonte e efeito do perdão. Em outras palavras: amor gera amor. Só os olhos da fé podem enxergar tamanha libertação. Eis o centro da narrativa lucana.

O contexto nos ajuda a entender melhor o texto e seus paralelos. Ao observar a cena, salta aos olhos uma atitude, em particular: a “unção com perfume”. Na tradição veterotestamentária ungir alguém com óleo perfumado significava consagrar alguém a Iahweh: sacerdotes, reis (2Sm 2,4) e profetas (1Rs 19,16) eram ungidos e constituídos *maschiah* (Messias). Porém, na Bíblia Hebraica e na Septuaginta, como bem observa Grenzer, a essência do “nardo” aparece três vezes no Cântico dos Cânticos (Ct 1,12; 4,13.14).⁶

Ao longo da história o óleo perfumado foi se tornando uma mercadoria valiosa aos reis, sacerdotes e, principalmente, a uma elite que a comercializava como artigo de luxo. Nos evangelhos, o ritual da unção torna a pessoa um *Chrio*. Jesus não foi ungido e

⁶ GRENZER, M.; GRENZER, F. A untura de Jesus por Maria, p. 361.

reconhecido como *Cristo* pelos sacerdotes ou reis, mas pelos pecadores, representados, neste texto, na pessoa da mulher.

Os perfumes eram mercadorias caras pois eram importados. O seu consumo era reservado a uma elite abastada, mas também tinha grande valor espiritual por sua origem religiosa e sua utilização nos rituais de passagem. Alguns historiadores observam que foi no Egito politeísta, do século X a.C., que se começou a valorizar o perfume. Os egípcios criam que suas súplicas, com aromas, seriam bem recebidas pelos deuses. Nos rituais fúnebres os corpos também eram unguídos, para a sepultura, a fim de serem conservados e recebidos na eternidade.

Outras passagens, no Novo Testamento, fazem paralelos com o texto acima, por tratarem da unção com perfume. Especificamente o texto de João (12,1-7) relata que Jesus fora a Betânia, a uma refeição na casa de Maria e Marta, irmãs de Lázaro. Maria se coloca aos pés de Jesus e começa a ungi-los com “um perfume de nardo puro” e enxugá-los com os seus cabelos. Judas, o traidor, questionou o luxo e o desperdício desta mercadoria sugerindo que sua venda seria mais valiosa, pois o dinheiro poderia ser distribuído aos pobres. Jesus repreende esta postura e retoma um costume antigo: “Deixa-a; que ela o conserve para o dia da minha sepultura!”.

Apesar da diferença de relato, em relação à narrativa lucana, Marcos (14,4-6) descreve, assim como João, que a mercadoria é caríssima: feita “de nardo puro” (produto da Índia) e colocada num frasco de alabastro (arte egípcia ou helênica). Para Grenzer: “O alabastro, na Grécia antiga, indica um recipiente menor, cilíndrico, em forma de pera, sem alça e com gargalo curto, sendo que este último, recebendo um acabamento horizontal, consiste apenas numa extensão estreitada do ventre bojudo.”⁷

Diferente de Lucas, Marcos insere o comentário dos convivas que chegam a repreender a mulher por desperdiçar o produto, invés de vendê-lo e beneficiar os miseráveis. No caso de Judas Iscariotes, apesar de mencionar os pobres, ele não se preocupava a não ser com o dinheiro, pois era ladrão.

A postura de Judas e dos convivas se parece com a posição de alguns partidos políticos, mais nacionalistas, da época, que questionavam a importação de produtos e o alto custo para o mercado palestino. Geralmente estes partidos, com aval de alguns movimentos populares, se opunham ao luxo dos ricos da época. Marcos não trata do valor material do frasco, mas o frasco que contém um produto tão caro deve ser valorizado sobremaneira: “Talvez o valor do frasco faça parte do valor do perfume. Caso o perfume fosse vendido por trezentos denários (v. 5), provavelmente o recipiente faria parte do negócio”.⁸

3 O CONSUMO QUE LIBERTA

A teologia de Lucas nos ajuda a perguntar: o que é essencial? Do ponto de vista dos convivas (Mc 14,4), dos discípulos (Mt 26,8) e de Judas Iscariotes (Jo 12,4-5), a mulher pode ser taxada de consumista, dada ao desperdício, ao tomar o desnecessário, o luxo, destinado ao lixo, por essencial. Para eles, o perfume pode até não ser supérfluo, mas a mulher que o utilizava, naquela sociedade preconceituosa e machista, era digna de ser julgada e criticada. A religião judaica reproduzia a cultura patriarcal mediterrânea e como bem observa Reimer: “Tanto a estrutura familiar quanto a política eram patriarcais. A exclusividade da autoridade jurídica do chefe/cabeça estendia-se sobre todos os

⁷ GRENZER, M.; GRENZER, F. O rompimento do frasco, p. 283.

⁸ GRENZER, M.; GRENZER, F. O rompimento do frasco, p. 287.

membros de uma casa e sua família, inclusive sobre os filhos e as filhas adultos e as propriedades de cada um”.⁹

Considerando estes pressupostos, podemos perceber os vários pontos de vista. Os convivas sem se perceberem tomam o próprio mestre como desnecessário ao colocar, acima dele, o projeto de acabar com a pobreza (Mateus e Marcos). Ao priorizarem isso, eles pensam na lei (Dt 15,7-11) e não no amor (Mt 22,34-40). Aliás, podiam até argumentar: o mestre, pobre e itinerante, sem um lugar para “recostar a cabeça” (Mt 8,20), iria julgar e condenar esta mulher pelo luxo e o desperdício de uma mercadoria tão cara.

Para a pecadora, o que eles tomavam como superficial é o que de mais valioso ela tinha para oferecer ao mestre. Brincando com as palavras, o que ela oferece não é a essência em si mesma; não é o perfume, pelo perfume, mas o essencial da essência: um valor que transcende a qualquer valor material ou mercadológico. Os convivas teriam razão em criticar a mulher, numa realidade de mercado em que o maior valor a ser cultivado não é o amor gratuito, mas a compulsão em comprar, consumir e gerar lixo?¹⁰

Neste caso, o que importa é o que este fato simboliza na relação de troca: “amor com amor se paga” e o vaso de alabastro, com perfume, nada mais é senão metáfora de um grande amor e de confiança, sem limites, em alguém que perdoa gratuitamente.

Jesus aceita a oferta, pois ele sabe o que é amor e reconhece, na atitude de fé daquela mulher, o desejo sincero de perdão. O mestre quer capacitá-la para segui-lo e anunciar uma vida nova. Bauman chama isso de “capacitamento”, uma atitude que, segundo ele:

Exige a construção e reconstrução de vínculos interpessoais, a vontade e a habilidade de se engajar com outras pessoas num esforço contínuo para transformar a convivência humana num ambiente hospitaleiro e amigável para a cooperação mutuamente enriquecedora de homens e mulheres que lutam pela autoestima pelo desenvolvimento de seu potencial e pelo uso adequado de sua habilidade. Em suma, um dos objetivos decisivos da educação ao longo da vida com vistas ao ‘capacitamento’ é a reconstrução do espaço público, hoje em dia cada vez mais deserto, onde homens e mulheres possam engajar-se numa tradução contínua dos interesses individuais e comuns, privados e comunais, direitos e deveres.¹¹

O texto apresenta também o juízo de Jesus acerca do essencial e do supérfluo. Ele observa, direcionando-se a Simão, que este não fez nem o trivial à lei da hospitalidade: o anfitrião devia fornecer água para o hóspede lavar os próprios pés (1Sm 25,41); recebê-lo com o ósculo da paz (1Pe 5,14) e ungir sua fronte (sinal de reconhecimento do mestre ou do profeta).

Que Deus, Jesus nos apresenta? Um Deus que ama os necessitados; perdoa os pecadores e os acolhe na pessoa dele. Podemos comparar a situação dos personagens: Simão e os convivas representam a lei, a mulher pecadora o amor; Simão e os convivas representam o juízo condenatório, o que há de mais supérfluo no seguimento de Jesus, a mulher pecadora, uma fé sincera, que implora por misericórdia, o que há de essencial na escola de Jesus; Simão e os convivas representam uma cultura da morte, a mulher pecadora, uma decisão pela vida.

A teologia dos evangelhos mostra um Deus que, em Jesus, ensina a sair da interpretação cega da lei, em relação às coisas e às pessoas, e ver no interior de cada

⁹ REIMER, I.R. *Grava-me como selo em teu coração*, p. 70.

¹⁰ BAUMAN, Z. *Vida líquida*, p. 144.

¹¹ BAUMAN, Z. *Vida líquida*, p. 162.

pessoa um ser ansioso por fazer valer os seus direitos: direito à compreensão, direito à amizade, direito à vida. Bauman expressa esta ideia ao escrever:

Num ambiente líquido, imprevisível e de fluxo rápido, precisamos, mais do que nunca, de laços firmes e seguros de amizade e confiança mútua. Afinal, os amigos são pessoas com que podemos contar quando precisamos de compreensão e ajuda no caso de tropeçarmos e cairmos. No mundo que habitamos até os mais rápidos surfistas e os mais lépidos skatistas não estão seguros quanto a essa eventualidade.¹²

A Igreja é chamada a discernir entre o essencial e o supérfluo naquilo que denominamos: mercado da fé. Ela pode optar por acolher as pessoas e tratá-las como juiz, ressaltando seus pecados, seus demônios e submetendo-as ao julgo da condenação, criando nelas culpa e necessidades superficiais. Por outro lado, pode acolhê-las no amor de Jesus cujo perdão é o que há de mais imprescindível em sua obra, pois respeita a vida humana, com todas as suas dificuldades e limitações, sem reduzi-la a rótulos. A injustiça será minimizada no momento em que os direitos da pessoa humana forem respeitados.

A Igreja deve sempre voltar-se, pelo espírito, aos ensinamentos de Jesus. Ele, por amor, acolhe e justifica as mulheres assim como o faz com os pobres, os doentes e os pecadores. Ele presa pela vida, acima de qualquer lei ou moral. Ele acolhe a mulher adúltera (Jo 8,1-11), defende a viúva (Lc 18,1-8), permite sua participação em orações e ações (Mt 15, 21-28; Mc 5,25-34; Jo 11,17). Como escreve Ivone Richter: “mulheres fazem parte do ministério de Jesus desde o início, tanto como sujeito no discipulado (Lc 8,1-3, entre outros) quanto como endereçadas à prática do seu amor e salvação”.¹³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta reflexão quer nos ajudar a perceber que uma comunidade cristã, mais do que “ter” fé, deve ser “digna de fé”. Ela pode se direcionar à condenação, mas dependendo de sua consciência em relação ao cuidado, pode ser sinal de remissão e libertação no mundo.

Vivemos em um contexto onde o capital e o mercado dão as cartas tomando como essencial a superprodução de mercadorias que entram na livre concorrência em curto espaço de tempo e com prazo de validade cada vez mais limitado. São mercadorias descartáveis, destinadas ao lixo. O consumo entra numa roda vida e, não só o meio ambiente, mas todos sofrem com a degradação dos valores, principalmente aqueles ligados à preservação e a lealdade.

Diante desta realidade temos três discursos principais em relação ao consumo: comodismo, ativismo e cuidado: O comodismo tende sempre a pensar que a natureza se recicla independente da ação humana e, se a pessoa tem poder aquisitivo e se sente feliz comprando, que o faça sem sentimento de culpa. É a atitude de quem “deixa a vida me levar” e quanto mais o sujeito se deixa levar pela onda mercadológica, menos se preocupa com a sociedade e suas crises. Bauman comenta, acerca disso, que no mundo líquido-moderno a lealdade às pessoas, aos objetos, às relações passa a ser motivo de vergonha e não de orgulho. Este tipo de discurso tem uma tendência hedonista e o supérfluo passa a ser necessário em relação ao desejo produzido. Há aqueles que trocam o carro usado por um novo, todo ano e não é por necessidade, mas pelo simples

¹²BAUMAN, Z. *Vida líquida*, p. 140.

¹³REIMER, I.R. *Grava-me como selo em teu coração*, p. 68.

prazer de trocar; há mulheres que exibem coleções de sapatos e roupas acumulados e que nem foram usados ainda, mas pensam no que fazer com estas mercadorias já que estão saindo da moda. Provavelmente o destino de todo este luxo é o lixo. Há homens e mulheres que se entregam a uma vida de consumo a fim de aplacar o tédio e o vazio da solidão. Outra atitude é o ativismo, isto é, a postura segundo a qual o que importa é atuar, agir e reagir a qualquer forma de consumo que venha a prejudicar os mais pobres. Este tipo de discurso chega a ser moralista ao entender que o consumo é demoníaco e, por isso deve ser culpado pelos males sociais e econômicos. Oposto ao comodismo se propõe reagir ao mercado e ao consumo. Esta reação vai desde o discurso de boicote ao discurso consciente como solução dos problemas humanos. Este tipo de postura tem uma tendência mais ecológica. Nesta consciência, muitos tratam de apregoar a ética da responsabilidade pensando na preservação do planeta e no futuro das gerações.

O discurso do cuidado entende que o consumo deve ser visto com mais profundidade. Muitas vezes o que chamamos de supérfluo pode ser necessário e vice-versa. Depende do ponto de vista, porque ora a preocupação se volta para o consumidor e ora para o objeto de consumo. Do ponto de vista do cuidado a centralidade é a pessoa, diante da excessiva preocupação com as coisas, o trabalho, o dinheiro. É preciso cuidar para que a vida humana não seja supérflua. José R. Junges diria que “Numa época de crise ecológica, o cuidado com a reprodução da vida deve ter a primazia sobre o trabalho de transformar a natureza e responder aos interesses humanos”.¹⁴

Vimos que as três posturas aparecem no relato de Lucas. De um lado, Simão e os convivas, numa perspectiva mais moralista e ativista interpretam a atitude daquela mulher como consumista e cômoda diante do mercado de perfumes; veem naquela mulher uma postura de quem cumpre a demanda do poder; entendem que ela peca mais ainda por se deixar levar pela onda do consumo e do desperdício. Numa perspectiva moralista esta atitude não ajuda a resolver o maior problema social da época: a pobreza. O cuidado de Jesus é notável. Ele mostra que é preciso cuidado ao julgar as pessoas, a partir do próprio ponto de vista. Por mais que a mulher tenha gasto caro com o perfume, o que mais importa é a intenção dela e qual o valor que ela dá àquele que é o endereço da união. Para ele, na perspectiva do evangelista, o essencial é a pessoa de Jesus, não o perfume.

A Igreja, ao perceber esta realidade tão obscura, marcada pelo mercado de consumo, pode lançar mão dos ensinamentos de Jesus a fim de encontrar luzes que iluminam os seus passos e encontre ações que de fato possam ser sinais da justiça e do amor de Deus no mundo. À dureza dos corações, a gentileza e a humildade de Jesus.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

GRENZER, Mathias; GRENZER, Francisca A. F. O rompimento do frasco (Mc 14,3). *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. II, n. 86, p. 279-290, jul.-dez. 2015.

GRENZER, Mathias; GRENZER, Francisca A. F. A untura de Jesus por Maria (Jo 12,3). *Revista de Cultura Teológica*, v. II, n. 88, p. 357-369, jul.-dez. 2016.

JUNGES, José Roque. *Ética ambiental*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

¹⁴JUNGES, J.R. *Ética Ambiental*, p. 82.

LIPOVETSKY, Giles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

QUEIRÓZ, Edison. *Transparência no Ministério*. São Paulo: Vida, 1998.

REIMER, Ivone R. *Grava-me como selo em teu coração*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MACIEL, Camila. *Produção de lixo no país cresce 29% em 11 anos, mostra pesquisa*. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2015-07/producao-de-lixo-no-pais-cresce-29-em-11-anos-mostra-pesquisa-da-abrelpe>>. Acesso em: 25 set. 2016.

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 16/06/2017

José Neivaldo de Souza

Rua Padre Anchieta, 1923 – Bigorriho
80730-000 – Curitiba – PR – Brasil